

GRIFFITHS: — Em grande parte, devo isso à Índia. Muita gente que vem para cá tem essa sensação do sagrado, da unidade cósmica, do mistério cósmico. Para mim, tudo começou com Wordsworth e Shelley. Transmitiam-me, quando garoto, uma espécie de êxtase. Na Índia isso é universal, essa sensação de estarmos vivendo no âmago do mistério cósmico. Toda a arte da Índia: a dança, os templos, o ritual, a maneira de andar e se vestir, tudo se reveste do caráter sagrado. O outro aspecto é esse senso de libertação, essa experiência de Deus que advém depois que nos libertamos de nossa própria mente com suas limitações e descobrimos esse *ananda*, a bênção que envolve o universo.

WEBER: — Para tanto, é condição indispensável a superação do eu?

GRIFFITHS: — Esse é o segredo.

WEBER: — O senhor disse: “Para mim não é sacrifício, é alegria”. Mas não teria essa experiência se não superasse o eu.

GRIFFITHS: — Tudo se resume nisso. O sacrifício em geral envolve um sentido negativo: matar, destruir. Essa, entretanto, é uma superação que liberta. Como é bonito o “Na alegria vivemos” do *Dhammapadda* de Buda!

WEBER: — Ao nos despojarmos de algo, tornamo-nos plenos de outra coisa.

GRIFFITHS: — Sim. Mas é preciso que nos despojemos de nós mesmos.

WEBER: — Diz o senhor que se trata de um exercício diário. Em Madras, num pequeno seminário com Krishnamurti, ele afirmou, para consternação geral, que quando encontramos uma pessoa no mesmo nível e no mesmo grau de intensidade, então realmente escutamos essa pessoa — e isso é amor. Já não existe coisa alguma de permeio, já não existem barreiras. Disse que isso é amor, e também meditação. Alguém declarou: “Tive essa experiência, sei do que se trata”, ao que Krishnamurti declarou: “Mas o que sucedeu depois? Por que você não está mudado?” O interlocutor ponderou: “A sensação desapareceu depois de algum tempo. Às vezes posso experimentá-la, às vezes não”. Então Krishnamurti foi categórico: “Se a sensação não está mais onde supostamente esteve, então nunca esteve verdadeiramente ali, e você se auto-iludiu”. Isso provocou grande consternação. É isso ou aquilo, ou nada: sem gradação, sem mudança, sem evolução. Tive difícil-

dade para aceitar isso, como aliás muitos outros. Que diz o senhor a respeito?

GRIFFITHS: — Digo que essa é uma falha da doutrina de Krishnamurti, devida à sua experiência nada usual. Foi educado na Sociedade Teosófica. Tudo foi erigido em torno dele, e Krishnamurti percebeu que devia se libertar. Fez uma parada total, e por isso sua vida espiritual foi uma experiência solitária, maravilhosa sem dúvida, plena e sem etapas intermediárias. Mas as pessoas comuns precisam percorrer essas etapas. Por essa razão, acho que o ritual tem seu lugar, *bhakti* e cantos sacros têm seu lugar, a prece tem seu lugar, a comunidade tem seu lugar. São meios que levam a algo. É como a distinção zen entre iluminação súbita e gradual. Creio firmemente na iluminação gradual. Na verdade, muita gente possui uma consciência obscura, mas real, desse mistério transcendente, que não consegue definir. Pode ser que seja demasiado obscuro e por vezes se esfume, mas está sempre aí e sempre pode ser renovado. Só muito raramente atingimos esse estágio de vida total.

WEBER: — O senhor está dizendo exatamente o oposto de Krishnamurti: quando uma vez atingimos essa condição, nunca mais a perdemos completamente. Tivemos um vislumbre de algo que não está no tempo.

GRIFFITHS: — Fora do tempo.

WEBER: — Como poderia desaparecer completamente no tempo o que não está no tempo?

GRIFFITHS: — Creio que, de alguma maneira, todo ser humano está aberto a esse mistério transcendente, não raro por intermédio de coisas bem pequenas: bondade para com o próximo, amor à natureza, à beleza. Sem perceber, fazem contato com o mistério transcendente.

WEBER: — Quando vemos uma entidade natural — essa palmeira, por exemplo — ela é Deus ou uma expressão de Deus, ou a pergunta está errada?

GRIFFITHS: — Não, essa é uma pergunta muito difícil. No Oriente, sobretudo no hinduísmo, dizem que é Deus. Mas, para um cristão, a coisa se complica, e eu preferiria dizer que Deus está na árvore e a árvore está em Deus, mas a árvore não é Deus. Para mim, isso faz grande diferença. Porque Deus é *neti, neti*, não-coisas. Está além das coisas.

WEBER: — Não é objeto de percepção, aquilo que Kierke-